



Uniube

**UNIUBE – UNIVERSIDADE DE UBERABA
CURSO DE PSICOLOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Texto do artigo

A MORTE E O MORRER: PROCESSOS DE LUTO OCASIONADOS PELA PANDEMIA DE COVID-19

Vanessa Elaine Trindade Menezes

Orientadora: Vania Maria de Oliveira Vieira

<https://orcid.org/0000-0001-9839-0235>

RESUMO

MENEZES, Vanessa Elaine Trindade. **A morte e o morrer**: processos de luto ocasionados pela pandemia de covid-19. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) Universidade de Uberaba. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vania Maria de Oliveira Vieira. 2022.

A pandemia de COVID-19, doença causada pelo novo coronavírus, SARS-CoV-2, é considerada a maior pandemia desde a gripe espanhola. A sua presença assolou a humanidade, escancarou a morte e os processos de luto num contexto em que a mídia e as redes sociais invadiram todos os dias a população com os alarmantes números de vítimas. O isolamento social, ao intensificar anseios e angústias, tornou a morte um ato solitário. Os rituais fúnebres foram atravessados pela impossibilidade de velar os corpos, valas comuns retrataram o processo de luto coletivo que o mundo vivenciava, e os parentes se viram sem corpo para velar, para se despedir, ficaram apenas com um vazio, sem lugar, até mesmo, para permitir que a melancolia os embalasse. Diante dessa situação problema este artigo toma como objetivo geral compreender os impactos psicossociais causados pela pandemia do novo coronavírus (SAE-CoV-2). Pesquisa de caráter bibliográfico foi realizada a partir de uma revisão narrativa da literatura. Foram utilizados artigos em língua portuguesa divulgados nas plataformas: Scielo (*Scientific Electronic Library Online*), PePSIC (Portal Periódicos Eletrônicos de Psicologia). As análises das publicações selecionadas para esse estudo buscaram desvendar o que tem sido publicado e discutido sobre o processo de morte e luto em razão da pandemia. do

COVID-19. Os resultados dessa pesquisa mostraram que as cerimônias e rituais para se despedirem dos entes queridos, em todas as culturas, são necessárias para a demonstração da dor, do apreço e da solidariedade de modo verbal e não verbal, e com a pandemia isso não foi impossível, o que acarretou complicações para a elaboração do luto. Diante disso o estudo recomenda: a psicoterapia para ajudar o sujeito durante o enfrentamento do processo de luto, principalmente com a pandemia em que os familiares não puderam experienciar todos os estágios do processo de enlutamento; e atentar também para os fatores de risco e observar o que é necessário para ter cuidado com as pessoas enlutadas e que estão passando por um sofrimento agudo, intensificado e complicado.

Palavras-chave: Morte. Luto. Pandemia de COVID/19.

1 INTRODUÇÃO

“A morte muda a composição do cenário,
mas une quem se ama para todo o sempre”
(Autor Desconhecido)

O tema da morte tornou-se interdito no século XX e passou a ser banido da comunicação entre as pessoas, visto como um acontecimento medonho e pavoroso que paira a conspiração do silêncio. Os cuidados com os corpos de quem morreu foram terceirizados, velórios realizados em locais determinados e não mais em casas. A discussão sobre o fenômeno da mortalidade foi distanciada de crianças devido à crença de que elas não possuem recursos para lidar com o fim da existência. Ocorre um fenômeno de distanciamento da finitude, avanços da medicina evitam a morte a todo custo e permitem o prolongamento da vida (ARIÈS, 1977).

Diante da pequenez humana e sua fragilidade, que (re)inventa modos de se manter vivo, é importante e salutar para este trabalho refletir sobre o assombro que o período pandêmico foi, e ainda é, para muitos. A pandemia assolou a humanidade, escancarou a morte e os processos de luto. A mídia e as redes sociais invadiram todos os dias a população com os alarmantes números de vítimas da COVID-19. O isolamento social intensificou ansios e angústias, morrer tornou-se um ato solitário, seja nas unidades de terapias intensivas, nos leitos, corredores, à espera de atendimento, ou em

casa, apenas esperando a (in)certeza que estava à espreita. Os rituais fúnebres foram atravessados pela impossibilidade de velar os corpos, valas comuns retrataram o processo de luto coletivo que o mundo vivenciava, e os parentes se viram sem corpo para velar, para se despedir, ficaram apenas com um vazio, sem lugar, até mesmo, para permitir que a melancolia os embalasse (POLETTO, 2021).

A pandemia de COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus, SARS-CoV-2) é considerada a maior pandemia desde a gripe espanhola.

Em 31 de dezembro de 2019, a China reportou, à Organização Mundial da Saúde (OMS), casos graves de pneumonia de origem desconhecidas advindas de Wuhan, na província de Hubei. Inicialmente, a suspeita era de uma doença zoonótica, isto é, que é transmitida de maneira natural entre os animais e os seres humanos, porém, os casos foram se agravando e em 07 de janeiro de 2020, houve a identificação de um novo coronavírus, que ficou, temporariamente, nomeado de “2019-nCoV” (SÁ, 2020).

As suspeitas e incertezas estavam se agravando rapidamente e informações desconexas se alastravam pelo globo, até que em 9 de janeiro de 2020 ocorreu, na China, a primeira morte decorrente da nova doença. A partir disso, começou o escalonamento de novos casos, até que a cidade de Wuhan foi colocada em quarentena, o que colocou a OMS em alerta de um possível surto global e com isso, os cientistas chineses disponibilizaram a sequência genética do novo coronavírus com o intuito de obter ajuda de outros pesquisadores e profissionais da área. Porém, em pouco tempo, outros casos começaram a surgir fora do território chinês, e logo a Europa e América do Norte começaram a relatar casos do novo coronavírus. Em fevereiro, a OMS passou a utilizar oficialmente o termo Covid-19, e em março de 2020 foi declarado o status de pandemia (SÁ, 2020).

Os casos da Sars-CoV-2 se alastraram rapidamente pelo globo, sendo que nem os governos, autoridades mundiais ou cientistas sabiam o que dizer ou qual informação passar para a população. Tudo o que se sabia era que a doença se espalhava rapidamente, e era necessária uma contenção, daí surgiu a importância e urgência de impor o isolamento social, que foi uma medida, a priori, muito debatida e relutantemente aceita, visto que demorou alguns meses para se mostrar eficaz. Sendo assim, com a transmissibilidade da doença é alta, teve-se início ao distanciamento social enquanto medida protetiva.

Estima-se que em torno de 3 bilhões de pessoas tenham entrado em quarentena no mundo nos primeiros meses da doença. Construção de hospitais de campanha, lavagem das mãos com sabão, uso intensivo de álcool e gel para higienização diversa de compras e produtos, recebimento de *fake news* por *WhatsApp*, etiqueta respiratória e rígidos limites para aglomeração tornaram-se parte da vida cotidiana (SÁ, 2020).

Além de todas as medidas e enforcements para conter e/ou prevenir a doença, muitas pessoas contraíram, algumas sintomáticas outras assintomáticas, alguns casos gravíssimos outros mal sentiram os sintomas. Cada corpo reagia de uma forma e cada alma era afetada, singularmente, por cada corpo enterrado as presas. As famílias perderam o direito de visitar o doente, perderam o direito de velar, enterrar, dizer o último adeus, pois, mesmo após a morte, ainda havia o risco de a enfermidade ser passada adiante. O mundo viveu o caos, o desespero, a angústia, o medo, mas não conseguiram, plenamente, viver o luto e melancolia que o acompanha (POLLETO, 2021).

Diante de um cenário que arrancou tanto de todos, vidas, empregos, filhos, mães e pais, o luto e seu processo se tornaram subjugados, sendo deixados para outro momento, mesmo que não se soubesse quando esse momento poderia emergir. Cada perda foi sentida, de maneira distinta, mas não se foi permitido realmente lamentar pela perda dessa vida, não se foi permitido sentir o quão prematuro, violento e asfíxiante foi sobreviver durante todo esse angustiante processo pandêmico. Dessa forma, o luto não sentido, não pode ser vivido, pois os rituais fúnebres, que auxiliam na elaboração da perda e reorganização psíquica, foram proibidos, como medida de distanciamento, de contenção. O ato de dar “vida ao corpo sem vida para que o corpo-morto morra” (POLLETO, 2021, p. 114) foi interrompido, com o intuito de salvar vidas.

Sabe-se que o luto é um processo natural de resposta a um rompimento de vínculo devido a perda de um ente querido ou de algo significativo na vida, sendo assim, a prática dos rituais se relaciona diretamente com esse processo, logo, sua interrupção causa uma angústia tremenda e deixa um vazio no lugar onde deveria haver resignação e ressignificação (GIAMATTEY *et al.*, 2021).

Diante disso, a presente pesquisa tem por objetivo compreender os impactos psicossociais diante a pandemia causada pelo novo coronavírus (SAE-CoV-2). Além de,

analisar as sequelas nos processos de luto, que foram diretamente afetados pela ausência de rituais fúnebres e pelas mortes múltiplas.

2 MÉTODOLOGIA

Esta pesquisa de caráter bibliográfico foi realizada a partir de uma revisão narrativa da literatura, isto é, foi construído um texto que discorre, descreve e discute o desenvolvimento de um determinado assunto, sob o ponto de visto teórico ou contextual. A revisão narrativa se constituiu, basicamente, da análise da literatura publicada em livros, artigos, revistas entre outros meios de disseminação de informações (ROTHER, 2007). A partir de análises de publicações e informações a respeito do processo de morte, luto, pandemia e da arteterapia. Foram utilizados artigos em língua portuguesa divulgados nas plataformas: Scielo (*Scientific Electronic Library Online*), PePSIC (Portal Periódicos Eletrônicos de Psicologia), bem como publicações de artigos da Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida produzidos pela Associação Brasil Central de Arteterapia produzidos, preferencialmente, entre os anos de 2019 e 2022.

Além disso, essa revisão se apoiará em algumas obras literárias como: *Imagens do inconsciente* da renomada psiquiatra que revolucionou as formas de tratamento do adoecimento psíquico através da arte, Nise da Silveira, e duas obras de Maria Julia Kovács, professora do Laboratório de Estudos Sobre a Morte – IPUSP, a morte e o desenvolvimento humano e seu trabalho mais recente, *educação para a morte*.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 RITUAIS FÚNEBRES

No ano de 2020 o vírus SARS-CoV-2, abreviação de Coronavirus Disease, ou COVID-19 assolou a humanidade e deixou mais de seis milhões de vítimas no mundo. No Brasil, mais de seiscentas mil pessoas perderam a vida pela doença. Além das mortes físicas, a população precisou lidar com o isolamento social, perdas de empregos, perdas financeiras e mudanças drásticas na forma de viver, assim como na forma de despedir

daqueles que se tornaram vítimas da COVID-19. O período pandêmico não foi apenas uma crise epidemiológica, mas também psicológica, pois a politização da Covid-19, as mensagens sobre o uso de máscaras e o impacto do isolamento social na saúde física e mental causaram perdas e sequelas, deixando uma população órfã, não só de pais, familiares e redes de apoio, mas também de políticas públicas, saúde e apoio incondicional.

Diante de tantas perdas se torna importante dissertar sobre a realização dos rituais funerários, que precisaram ser modificados, já que foi constatado que a transmissão do vírus da COVID-19 pode durar por até 72 horas após a morte, e por esses rituais possuírem muito contato e proximidade física, que são maneiras de propagar o vírus, passou a se tornar medida de proteção a não realização pública de velórios e enterros. Valas comuns foram abertas por conta da alta demanda em um curto espaço de tempo, e em cidades com alto índice de mortalidade, os velórios aconteciam com no máximo 10 pessoas e com um tempo de, no máximo, uma hora e meia (GIAMATTEY *et al.*, 2021). Além disso, houve cidades, como foi o caso de Manaus-AM, onde se tornou urgente a exclusão do velório e o enterro passou a ser realizado de forma rápida, automática, desumana.

A partir dessa mudança obrigatória novas formas de se despedir surgiram, tais como velórios virtuais, orações por aplicativos e grupos de apoio online (BITENCOURT *et al.*, 2020 *apud* GIAMATTEY *et al.*, 2021). Essas novas maneiras de despedir vieram a partir de uma demanda alta de familiares que urgiam em suprir a falta do ente querido e, além disso, eles precisam de algo concreto que os ajudasse a passar pelo luto, a sentir que aquele corpo, não velado e enterrado às pressas, havia, de alguma forma, passado para outra existência, e eles, os que sobraram, poderiam tentar retomar suas vidas. Com isso, os velórios virtuais foram uma das alternativas encontradas para que essa despedida não passasse em branco e como uma forma de prevenção de possíveis complicações, em questão de saúde mental, daqueles que não tiveram essas cerimônias. Porém, mesmo com o auxílio da tecnologia, não foram todas as pessoas que tiveram essa oportunidade (GIAMATTEY *et al.*, 2021).

A cerimônia fúnebre além de homenagear a pessoa falecida, também é responsável pela continuidade da vida dos que ficaram, portanto cria-se um momento e sensação de união, cumplicidade, compaixão e renovação, auxiliando a enfrentar a

perda, permitindo socialmente o início do processo de luto (SOUZA; SOUZA, 2019). Giamatthey *et al.* (2021, p. 3) mostram que como os ritos fúnebres são importantes para a fase inicial do luto e podem ser vistos como “espaços potentes para a elaboração da perda, contribuindo para o bem-estar psíquico, pois, mesmo sofrendo com a perda, o ritual auxilia na organização psíquica da vida sem o ente querido”.

Todas as culturas definiram suas formas cerimoniais e rituais para se despedirem dos seus entes queridos, sendo esse um ato necessário para demonstrar sua dor, apreço, solidariedade de modo verbal ou não verbal, e com a pandemia a impossibilidade de efetuar esse evento de forma culturalmente apropriado modificou a forma do luto, trazendo complicações para a sua elaboração. O que antes era um momento de união, passou a ser uma solidão ou afastamento, uma reclusão, uma precaução e preocupação, um estar isoladamente sozinho. (GIAMATTHEY *et al.*, 2021).

A importância dos rituais fúnebres se dá justamente na perspectiva de se elaborar o luto e reumanizar a morte, além de possuírem importância cultural e religiosa. Os rituais proporcionam uma expressão simbólica aos sentimentos ou pessoa, sendo individual ou do coletivo, o que ocasiona uma simbolização de atos e questões manifestos ou que estejam ainda inconscientes ou, que não foram aceitos ou estão passando por processo de aceitação. Para Kübler-Ross e Saunders (2021, p. 78), “o rito é criado para conferir um sentido ao que acontece, um sentido a nossa própria morte e à morte do outro. O rito é próprio do ser humano e sua ausência compromete o senso humano”.

A origem dos ritos, de acordo com Irion (1990/1991 apud KÜBLER-ROSS; SAUNDERS, 2021), tem a ver com o medo, isto é, o medo que pessoas próximas venham morrer. Sendo assim, o rito de passagem passa a ter uma função imprescindível no processo do falecimento e do luto, que é o de garantir que os mortos descansem em paz e que o enlutado possa se ater a essa certeza e, dessa forma, ser capaz de elaborar o luto.

Os ritos funerários abrem a possibilidade do exercício coletivo e comunitário, favorecendo o compartilhamento de sentimentos. Os funerais ressaltam a realidade da morte, pois a crença na vida após a morte pode trazer certa ambivalência: de que talvez a morte não tenha ocorrido e que reencontros são possíveis (KÜBLER-ROSS; SAUNDERS, 2021, p. 79).

Além de oferecer esse acolhimento e possibilitar o (re)início de um processo diante de um fim, é importante considerar a vigília de um corpo, por mais árduo que seja, também faz parte do rito final e permite aos familiares compreender a separação do corpo, visto que é um ritual que “comunica o fim e estabelece que, após o seu término, a vida dos enlutados não será mais a mesma”, e tal percepção é importante no processo de luto (KÜBLER-ROSS; SAUNDERS, 2021, p. 79). Sendo assim, se torna claro, que a pandemia do novo coronavírus impediu a realização de diversos ritos de passagem e, conseqüentemente, desequilibrou o processo de luto de milhares de pessoas.

3.2 LUTO

O luto não se limita apenas a morte, mas sim ao enfrentamento de sucessivas perdas reais, concretas e simbólicas, que sempre estarão presentes no desenvolvimento humano. O luto não é apenas o morrer, mas é também perder, fracassar, frustrar e adoecer. O luto está sempre presente, faz parte do cotidiano e das pequenas lutas e derrotas diárias de cada indivíduo, por isso, se torna tão importante para uma vida conseguir estar mentalmente saudável e se ater aos lutos que precisam ser reconhecidos e elaborados.

Entende-se que o enlutado pode vivenciar a perda a partir de dimensões físicas e psíquicas, como os elos que são adquiridos ao longo da vida e possuem um significado especial ou forte, relacionamentos profissionais, sociais e familiares. Toda a perda, é um desafio emocional, psíquico e cognitivo e todas as pessoas, eventualmente, terão que passar e lidar com isso, da melhor maneira que eles conseguiram e no tempo de cada um. Santana (2017, p. 16) esclarece sobre como sentir falta de algo é doloroso, daí se tem a importância de experienciar o luto, pois é um fenômeno que permite sentir a manifestação dos sentimentos que foram rompidos, para a autora os “sentimentos se misturam e dão sentido a um recomeço”, pois “não há luto sem amor”, da mesma forma que só dói quando se perde, porque se ama.

O processo de luto é constituído por cinco estágios conhecidos como negação, revolta, barganha, depressão e aceitação, sendo que essas fases foram cunhadas pela

autora Elisabeth Kübler-Ross, em 1969, em seu livro “Perguntas e respostas sobre a morte e o morrer”. Kübler-Ross (1969 *apud* SANTANA, 2017) realizou diversas entrevistas com 500 pacientes terminais, onde conseguiu identificar a reação psíquica de cada um deles e seus familiares, de modo que elaborou os cinco estágios que fazem parte do processo de reconciliação com a morte. O primeiro estágio é o de negação, no qual o indivíduo se recusa a aceitar a realidade do que está acontecendo, sendo que esta reação é uma resistência psíquica ao fenômeno presente, ou seja, existe uma defesa em relação ao morrer e a eventual morte.

O segundo estágio é a raiva, onde as pessoas se mostram frustradas e com raiva por estarem morrendo ou pelo outro estar morrendo, sendo que se torna comum que essa irritação, esse ódio, seja projetado em médicos, enfermeiros, cuidadores e demais familiares. O ato de sentir essa raiva vem a partir de sentimento de abandono, de culpa, de assuntos inacabados, de não ter tempo e querer mais tempo. Logo, se irritar, gritar, chorar passa a ser um mecanismo de defesa, pois neste ponto do processo do morrer e da morte, ainda é muito difícil para os indivíduos encararem que aquela vida é finita, e é do ser humano, querer ter mais tempo, isto é, barganhar por mais vezes com quem se ama.

A partir disso, se chega a terceira fase, que é a barganha, sendo que ela diz respeito a tentativa de negociar por mais tempo, então se passa a colocar um preço por essa vida, e acontece os pedidos, principalmente, para Deus, as promessas, as trocas, os sacrifícios, tudo para conseguir um pouco mais tempo. Quando a barganha não funciona, pode acontecer o estágio número quatro, que é a depressão, onde as pessoas passam a apresentar sintomas clínicos depressivos, tais como perturbação do sono, desesperança, retraimento, entre outros. Para Kübler-Ross (2008, p.3 *apud* SANTANA, 2017), a depressão é um instrumento de preparação para o que iminentemente está por fim, é um momento de recolhimento, onde não há muito diálogo, apenas uma espera pelo inevitável.

Por fim, chega-se ao último estágio, que é a aceitação, onde os indivíduos compreendem que a morte chega para todos e aceitam o ocorrido, sendo que nesta fase não se há mais um desespero em tentar parar o processo do morrer, mas sim um novo olhar sobre a realidade imposta e uma aceitação para se recomeçar. Sendo importante ressaltar que a psicoterapia tem um papel fundamental para ajudar o sujeito durante o

enfrentamento do processo de luto, porém, com a pandemia do novo coronavírus as fases do luto foram modificadas, pois nem os pacientes e nem os familiares puderam experimentar todos os estágios e passar pelo processo de enlutamento. Além disso, o estar contido em um hospital e, com as restrições e relação à visita, esse processo ganha um novo sentimento, o de esperança, comum em fenômenos de guerra e, agora, em pandemias, o qual os familiares passam pelo luto antecipatório, e é caracterizado quando o doente possui um prognóstico de cura inviável, mas ainda existe a possibilidade de se recuperar e retornar para casa (ESTRELA *et al.*, 2021).

O luto além de antecipatório também é visto como amplificado pelo autor Tatsch (2020 *apud* GIAMATTEY *et al.*, 2021, p. 7) por conta da “consciência diária, através dos veículos midiáticos e redes sociais, dos mapas globais de contágio e número de mortos que podem contribuir para a sensação de que o vírus ‘está chegando’ perto, aumentando o sofrimento por antecipação”. Além disso, observa-se a morte denominada escancarada, que é invasiva, um processo em que não há previsibilidade, portanto não há como se proteger e é, constantemente, veiculada pelos meios de comunicação (KOVÁCS, 2021). As notícias diárias sobre número de vítimas da COVID assim como as imagens das valas comuns em cemitérios, não abriam espaço para reflexão e elaboração por parte da humanidade que vivia refém de uma realidade inédita e amedrontadora. A morte se tornou especulação e espetáculo.

O luto é um processo natural e importante forma de ajustamento perante uma perda, com as mudanças dos rituais e a maneira como a morte ocorre tem afetado drasticamente este processo do enlutamento, principalmente pela existência estar voltada a perdas, sem momento de descanso da dor, e pela dificuldade de estabelecer uma rede de apoio, já que todos estão passando pelo mesmo momento de pandemia, ocorrendo, assim, o prolongamento do luto agudo, que é um momento de dor e sofrimento intenso, onde a experiência do luto apresenta sempre de modo crítico e intensificado (STROEBE e SCHUT, 2020 *apud* REALE, 2021).

Além do processo de luto agudo, pode ser identificado o luto complicado, que para Rando (1993) e Franco (2014) *apud* Kóvacs (2021), diz respeito a intensidade do sofrimento, ao risco de adoecimento físico e psíquico e às dificuldades de adaptação ao ambiente sem a pessoa falecida. Assim, é importante estar atento aos fatores de risco e as tendências socioculturais e observar que é necessário existir um cuidado com as

pessoas enlutadas e que estão passando por um sofrimento agudo, intensificado e complicado. Se torna importante dar vazão a esses sentimentos, mas de forma saudável e sempre que possível com acompanhamento de um profissional da psicologia que seja capacitado sobre o assunto.

O tipo de morte e a falta de acesso há um suporte social são considerados como fatores de risco na vivência do luto. Os principais fatores de risco identificados por Neimeyer (2020 *apud* REALE, 2021, p. 2) no luto disfuncional ocasionado pela pandemia são:

- a) circunstâncias da morte, que contribuem para o profundo senso de distância emocional entre paciente e família, justo no momento crítico de vida para ambos;
- b) intensificação da sensação de culpa do sobrevivente, favorecido pela ausência no processo de cuidado e/ou por acreditar que falhou em proteger seu ente querido;
- c) rupturas da rede de apoio para a pessoa enlutada, chegando a limitar e até impedir os rituais de despedida;
- d) imagens dolorosas e intrusivas do sofrimento do ente querido que morreu, sendo está uma resposta cognitiva do impacto impessoal e traumático das mortes por COVID-19 e outras mortes na pandemia.

De acordo com os estudos elaborados por Estrela *et al.* (2021) as maneiras de ajudarem as pessoas enlutadas pela morte derivada do COVID-19 a lidarem com a perda refere-se a morte e o morrer e a adoção de medidas que facilitem o contato com o doente por meio de chamadas telefônicas, gravação de áudios, cartas e fotos, porém ao se ver como medidas de longo prazo é necessário um cuidado psicológico e a ampliação da rede de psicossocial.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização dessa pesquisa nos permitiu compreender os impactos psicossociais causados pela pandemia do novo coronavírus (SAE-CoV-2). São eles:

- As cerimônias e rituais para se despedirem dos entes queridos, em todas as culturas, são necessárias para a demonstração da dor, do apreço e da solidariedade de modo verbal e não verbal, e com a pandemia isso não foi impossível, o que acarretou complicações para a elaboração do luto.

- O que antes era um momento de união, passou a ser uma solidude ou afastamento, uma reclusão, uma precaução e preocupação, um estar isoladamente sozinho.

Diante disso os estudos recomendam:

- A psicoterapia tem um papel fundamental para ajudar o sujeito durante o enfrentamento do processo de luto, principalmente com a pandemia em que os familiares não puderam experienciar todos os estágios do processo de enlutamento.
- É preciso atentar para os fatores de risco e observar o que é necessário para ter cuidado com as pessoas enlutadas e que estão passando por um sofrimento agudo, intensificado e complicado.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. Retratos da morte no Ocidente. *In*: KOVÁCS, Maria Julia. **Educação para a morte: quebrando paradigmas**. Nova Hamburgo: Sinopys Editora, 2021.

AMARANTE, Paulo (coord.) **Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil** – Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.

ESTRELA, Fernanda Matheus *et al.* Enfrentamento do luto por perda familiar pela covid-19: estratégias de curto e longo prazo. **Persona y Bioética**, v. 25, n. 1, 2021.

GIAMATTEY, Maria Eduarda Padilha *et al.* Rituais fúnebres na pandemia de COVID-19 e luto: possíveis reverberações. **Escola Anna Nery**, v. 26, 2021.

GRANATO, Mariel Terezinha Mortensen Wanderley. **Arteterapia como instrumento na superação do luto conjugal**. 2015. Artigo científico (Psicologia) - Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida, Goiânia, 2015.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2016. 447 p.

KOVÁCS, Maria Julia. **Educação para a morte: quebrando paradigmas**. Nova Hamburgo: Sinopys Editora, 2021.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth; SAUNDERS, Cicely. Morte reumanizada. *In*: KOVÁCS, Maria Julia. **Educação para a morte: quebrando paradigmas**. Nova Hamburgo: Sinopys Editora, 2021.

POLETTTO, Adriana Antunes de Almeida. Quando um morre e o outro sobra em vida: reflexões sobre a morte em tempos de pandemia de covid-19. **Estudos de Psicanálise**, Rio de Janeiro, n. 55, p. 113-120, jul. 2021.

REALE, Maria Júlia de O. Uchoa. PERDAS, LUTO E TRANSFORMAÇÕES EM TEMPOS DE COVID-19. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 35, 2021.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática x revisão narrativa. **Acta paul. enferm.** 20 (2), jun. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/>. Acesso em: 20 nov. 2022.

SÁ, Dominichi Miranda de. Especial Covid-19: os historiadores e a pandemia. **Casa de Oswaldo Cruz**, 18 set. 2020. Disponível em: <https://www.coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1853-especial-covid-19-os-historiadores-e-a-pandemia.html>. Acesso em: 20 nov. 2022.

SANTANA, Marleide de. **O Luto e suas fases: a arteterapia como ferramenta no processo terapêutico do enlutamento**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal Fluminense – UFF, Campo Universitário de Rio das Ostras, Graduação em Psicologia. Rio das Ostras - RJ, p. 52, 2017

SOUZA, Christiane Pantoja de; SOUZA, Airle Miranda de. Rituais fúnebres no processo do luto: significados e funções. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 35, 2019.